

Entre o Fluxo e a Ordem: o Baile Funk na COHAB Cidade Tiradentes-SP em contraposição ao ordenamento urbano do período dos governos militares¹

Between Flow and Order: The Baile Funk in COHAB Cidade Tiradentes-SP in opposition to urban planning during the military governments

Luanne Miguel ALVARENGA²

Resumo: O Baile Funk é uma festa periférica que acontece em diversas ruas e vielas. Sua origem se dá no bairro de Cidade Tiradentes-SP, conjunto habitacional idealizado pelo Banco Nacional de Habitação durante a ditadura militar (1964-1985). O presente texto resulta da pesquisa “É FLUXO DE FAVELA”: os Bailes Funk da COHAB Cidade Tiradentes em contraposição ao ordenamento urbano do período dos governos militares”, que através da metodologia de análise do discurso, tem como objetivo averiguar os rumos habitacionais do período de construção do bairro, bem como a ideologia do Estado no que diz respeito ao ordenamento das urbes e de seus habitantes, para assim compreender como os bailes se contrapõem a ele.

Palavras-chaves: Baile Funk; Habitação; Ditadura; Cidades.

Abstract: The Baile Funk is a festivity that takes place in many streets and alleys. Its roots can be traced to the district of Cidade Tiradentes-SP, a housing complex conceived by the Banco Nacional de Habitação during the military dictatorship. The presente text results from the research "IT'S FLUXO DE FAVELA": The Bailes Funk from COHAB Cidade Tiradentes in opposition to urban planning during the military governments, which, through discourse analysis methodology, aims to analyze the housing policies from the period of the district's construction, as well as the state's ideology regarding urban planning and its inhabitants, in order to understand how the bailes oppose it.

Keywords: Baile Funk; Habitation; Dictatorship; Cities.

O objetivo da pesquisa “É FLUXO DE FAVELA”: os bailes Funk da COHAB Cidade Tiradentes em contraposição ao ordenamento urbano do período dos governos militares”, que dá origem a este artigo, é analisar como as instituições habitacionais elencadas durante a ditadura militar (1964-1985), foram responsáveis pela distribuição demográfica nos extremos da cidade de São Paulo, resultando em espaços desterritorializados³, refletindo no surgimento de fenômenos urbanos e culturais, como o Baile Funk. Assim, espera-se contribuir para a compreensão da experiência histórica de habitantes periféricos da cidade, aqui, especificamente moradores do bairro Cidade Tiradentes, a maior Cohab da América Latina e a mais expressiva construída pelo BNH (Banco Nacional de Habitação) durante o regime, dessa maneira historicizando seus movimentos culturais que são expressivos.

² Graduanda no curso de Bacharelado e Licenciatura em História pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/FCHS campus de Franca e bolsista PET-História (Programa de Educação Tutorial) Sob a orientação da Prof.^a Tutora Márcia Pereira da Silva. E-mail: luanne.alvarenga@unesp.br.

Os fluxos ou bailes funk, são grandes festas que acontecem nas ruas de diversas favelas e periferias de São Paulo. Pertencentes a cultura do gênero musical *funk*, o objetivo dos moradores é desfrutar de um lazer perto de casa. No entanto, devido a ilegalidade no que tange a questão sonora (e outros motivos), considerando que o evento acontece em espaços residenciais, a presença policial nesses eventos é intensa. Por esse motivo, quando abordados em meio a festa, os moradores apenas passam para a próxima rua e continuam o baile, por isso o nome fluxo (Pedro, 2017). A festa é fluída e seu fim quase nunca é no mesmo local em que começa. Por se desenrolar nas ruas, buscamos entender nessa pesquisa que o baile funk se relaciona intimamente com o lugar onde circula, ou seja, nas ruas, bairros e enfim a cidade.

Considerando o desenrolar da malha urbana, temos buscado entender a História das Cidades enquanto área historiográfica. Vista como um palco peculiar onde se desenrolam histórias de desordem dentro de sua própria ordem, é a partir do século XX que o saber historiográfico se volta para o estudo das cidades. Como aponta a historiadora Maria Stella Bresciani (2002), o historiador, aos poucos, se apropria da cidade como objeto, reconhecendo que esse espaço sempre foi relacionável com o funcionamento da sociedade, podendo fornecer respostas únicas sobre suas dinâmicas. Henri Lefebvre (2001), aponta que o urbano pode ser considerado uma obra histórica, a partir disso, reconhecemos o papel do sujeito e o inserimos como motor desse complexo sistema, que solicita cada vez mais a confrontação das interrogações das ciências humanas.

Dessa forma, planos urbanísticos, documentações referentes ao bairro, bem como depoimentos e documentários produzidos sobre o Baile Funk serão analisados sem perder de vista o contexto social amplo em que foram concebidos. A metodologia de análise do discurso, se coloca como guia nos caminhos de compreensão dos modos de consignação histórica e processos de produção dos sentidos nos discursos sejam eles orais ou escritos pelo sujeito, já que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia (Orlandi, 1999).

Devido ao enorme fluxo de convivências, existe uma brecha no que tange o registro de vivências que ascendem nos extremos, que crescem com o início da separação interna das cidades, fruto de seu crescimento desordenado. Tal fenômeno também acontece em São Paulo, na segunda metade do século XX, com o crescimento das áreas metropolitanas, ocorrido a partir do desenvolvimento industrial, trazendo à tona problemáticas latentes no que tange a habitação e o ordenamento civil.

Com o golpe em 1964, a questão habitacional passou a ter intervenção ativa do estado, que precisava de aceitação da maioria da população (Soares, 2020). Como ainda investigamos,

a problemática é enfrentada com a estruturação de um sistema de financiamento: o BNH (Banco Nacional de Habitação). Seu objetivo para além da captação de recursos financeiros, foi a construção de diversos conjuntos habitacionais, dentre eles a Cidade Tiradentes e como pode delinear Nabil Bonduki em *Origens da habitação social no Brasil* (1998), importante aporte bibliográfico para repassarmos os rumos da política habitacional brasileira, o ciclo do BNH difundiu um padrão de projeto onde o conjunto habitacional paulistano se caracterizou pela repetição de formas urbanas semelhantes que passaram a compor parte significativa da paisagem urbana nacional.

A forma que o ordenamento é colocado em prática e o estabelecimento dessas estruturas de poder ainda estão sendo investigadas a fundo, através dos estudos de Michel Foucault em *A Microfísica do Poder* (1979) e do conceito de “trocas simbólicas” de Pierre Bourdieu (1998). Todavia, o ponto de partida no qual lançamos mão inicialmente, é de que ao “jogar” as camadas mais vulneráveis (retiradas das favelas, das ruas e dos centros) nessas novas habitações construídas pelo BNH, tornou-se possível para o Estado estabelecer um padrão de comportamento dentro dos conjuntos habitacionais através do uso de estruturas de poder de segurança pública, visando controlar as massas em sua maioria proletária, reprimindo qualquer manifestação seja ela política ou cultural (Soares, 2020). Lemos assim, o período ditatorial dentro da história urbana e habitacional de São Paulo especificamente, como um período sombrio que impede a apropriação territorial dos moradores, desprovidos de lazer, culturalidades e políticas básicas.

É nesse contexto, em que o bairro Cidade Tiradentes toma forma. Sua importância para além de sua historicidade, se dá pelo seu pioneirismo, sendo o berço do funk enquanto gênero musical na cidade de São Paulo (Pedro, 2017), bem como o primeiro bairro a aportar seus primeiros bailes, como mostrado em uma das fontes, o documentário “*FUNK DA CT: A invasão do Baile Funk em São Paulo*” (2010). Com as análises primitivas feitas até agora, já é de conhecimento que a população interage com as ações de poder público, recriando e se apropriando socio culturalmente na tentativa de preencher o espaço “oco” que lhes é oferecido – os bailes funk na contemporaneidade, fogem das tentativas de controle de espaço habitacional institucionalizadas pela COHAB e pelo BNH entre 1970 e 1980, um reflexo que até agora não foi explorado em demasia no meio acadêmico, o baile funk paulistano, segue ainda, sem grandes registros da sua linearidade e funcionalidade, tendo apenas as camadas mais rasas de sua complexidade permeadas, como o gênero musical *funk*, mas não suas implicações culturais enquanto uma subcultura.

O conceito de “território”, “territorialidade” e “desterritorialização”, tem nos ajudado a esquematizar esse processo que se iniciou em 1964 e continua em vigor até hoje. Através do resgate histórico dos termos feito por Rogério Haesbaert em “*O mito da desterritorialização*” (2004). No que diz respeito ao território, para analisar o ordenamento urbano, bem como os bailes e outras problemáticas que buscamos resolver, nos interessam duas abordagens: a política e a cultural. A perspectiva política do território, refere-se diretamente às relações entre espaço e poder, esse, que pode ser institucionalizado (Haesbaert, 2004). Nesse conceito, podemos enxergar o território como um espaço passível de ser delimitado e controlado, é assim que o Estado coloca o território dentro de seu discurso durante o período do BNH, um território relacionado ao poder político, como podemos analisar no “*Plano Nacional de Habitação Popular (PLANHAP)*” (1973), criado pelo governo federal para ditar a política nacional de habitação: “considerando a necessidade de ser institucionalizado um sistema para mobilizar (...) os recursos que permitam eliminar sub-rogações existentes e ensejar oferta planejada e contínua de unidades residenciais (...)” (Brasília, 1973, p.1). Ao oferecer as moradias e responsabilizando-se pelo planejamento delas, sem a consulta direta com seus futuros moradores, percebe-se tais formações discursivas e ideológicas.

Já em contraposição, entendemos que a concepção de território para os moradores é cultural. Essa perspectiva de território, enxerga-o em sua dimensão simbólica, um produto de apropriação de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Essa perspectiva dá luz ao nosso próximo conceito chave, a “territorialidade”, que é a semantização do espaço territorial (Haesbaert, 2004), conseqüentemente a “desterritorialização” pode dizer respeito a uma zona desprovida dos desdobramentos socioculturais. Continuamos nos debruçando sobre essa questão, para entender como o Estado através dessa estrutura, constrói espaços desterritorializados. Considerando essas questões, continuamos com o objetivo de contribuir para o que Bernard Lepetit (2001) chamou de “a nova história urbana”, onde agora destacam-se as como atores sociais do meio as vozes vindas de baixo.

Fontes

BRASILIA. **Plano Nacional de Habitação Popular (PLANHAP)**, criado pelo governo federal para ditar a política nacional de habitação, 1973.

FUNK da CT: A invasão do baile funk em São Paulo. Direção: Leandro HBL. Produção: Mosquito Project. São Paulo: Mosquito Project, 2010. 1 vídeo (30min 43s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r3cAiuK9z9s>>. Acesso em: 21 set. 2024.

Referências Bibliográficas

- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: 1998.
- BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade e história**. In.: Cidade: história e desafios. Rio de Janeiro: FGV, p. 16-35, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- LEFEBVRE, Henri et al. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Org. Heliana Angotti Salgueiro. Trad. port. Cely Arena. São Paulo: Edusp, 2001.
- ORLANDI, E.P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Análise De Discurso: princípios procedimentais**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PEDRO, Thomaz Marcondes Garcia. **É o fluxo: “baile de favela” e funk em São Paulo**. Proa: Revista de Antropologia e Arte, v. 7, n. 2, p. 115-135, 2017.
- SOARES, Luiz. **BNH: perspectiva histórica da edificação de conjuntos habitacionais**. v. 12 n. 3 (2020): Edição 34 - Temporalidades, Belo Horizonte: UFMG, 2020.

¹ NOTA DO EDITOR: Notas de Pesquisa são publicações de pesquisas em fase inicial, devidamente fundamentadas em relação ao objeto de análise, aos objetivos e ao referencial teórico, mas que não dispõem, ainda, de resultados suficientes para compor um artigo completo.

³ Processo de enfraquecimento ou perda de vínculo entre pessoas, grupos ou instituições e seus territórios. Esse conceito reflete as transformações espaciais e sociais contemporâneas, ligadas à globalização, migrações e mudanças culturais (Haesbaert, 2004).